

"PÉ DE JUÁ"

FENÔMENOS URBANOS, FRONTEIRAS E CONFLITOS
NA MORADA DA LUA, BARREIRAS-BA



LUANA ASSIS . CADERNO FINAL

Barreiras

Mar/2025

“Pé de Juá”: Fenômenos
Urbanos, Fronteiras e
Conflitos na Morada da Lua,
Barreiras-BA

Proponente

Luana de Oliveira Assis

Orientadora

Jessica Mayana Pereira da
Silva

Coorientadora

Áurea Gabriela Moura Gumes

**ATA DE DEFESA DE TCC
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO IFBA
Estudante: Luana de Oliveira Assis**

Aos **10 dias do mês de abril de 2025**, reuniu-se a banca de avaliação composta pela professora do curso Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do IFBA Campus Barreiras, **Jurema Moreira Cavalcanti**, além dos Arquitetos e Urbanistas **Tiago Freitas de Souza**, na qualidade de avaliador externo, e **Aurea Gabriela Moura Gumes**, na qualidade de coorientadora, sob a presidência da orientadora, Prof^a **Jessica Mayana Pereira Silva**, para proceder exame do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado pela estudante **Luana de Oliveira Assis**, intitulado “**Pé de Juá: fenômenos urbanos, fronteiras e conflitos na Morada da Lua, Barreiras-BA**”, como requisito para finalização do curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA, Campus Barreiras.

O ato teve início às 16 horas e 30 minutos, na sala 309, do IFBA Campus Barreiras, com apresentação pública e aberta para comunidade interna e externa. Foi concedido a estudante 30 minutos para apresentação oral e exposição do conteúdo do seu trabalho. Em seguida, cada examinador fez suas considerações e levantou questões, que foram respondidas pela candidata.

Concluído o exame, os professores atribuíram as seguintes indicações e notas:

<i>Orientadora:</i> _____	9,50
<i>Orientadora:</i> _____	9,50
<i>Membro Interno da banca:</i> _____	9,50
<i>Avaliador Externo:</i> _____	9,50

Com que se julgou a candidata APROVADA, com **nota 9,5**, sendo recomendado ao Colegiado deste curso que seja concedido a **Luana de Oliveira Assis** o diploma de bacharela em Arquitetura e Urbanismo.

Segue parecer lido pela banca avaliadora ao final do ato:

Considera-se o trabalho relevante para a cidade de Barreiras. Nota-se um cuidado, responsabilidade e sensibilidade com o produto elaborado e entregue a banca. O conteúdo abordado resulta em um análise coerente com o processo do trabalho reverberando em uma nova pesquisa. Faz-se necessários ajustes pontuais indicados pela banca. Deste modo, a banca avaliadora entende que a estudante está aprovada em seu trabalho de conclusão de curso, com a nota final 9.5. Sendo assim, apta a colar grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Barreiras-BA, 10 de abril de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **JESSICA MAYANA PEREIRA SILVA**
Data: 11/04/2025 07:25:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora e Presidente da Banca Examinadora
COAU/IFBA

Documento assinado digitalmente
 **AUREA GABRIELA MOURA GUMES**
Data: 11/04/2025 09:35:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coorientadora
Arquiteta e Urbanista

Documento assinado digitalmente
 **JUREMA MOREIRA CAVALCANTI**
Data: 14/04/2025 19:13:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membra Interna da Banca Examinadora
COAU/IFBA

Documento assinado digitalmente
 **TIAGO FREITAS DE SOUZA**
Data: 14/04/2025 08:58:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro Externo da Banca Examinadora
Arquiteto e Urbanista

AGRADECIMENTOS

Eu só agradeço.

Aos irmãos vozes, pela proteção ao longo de toda a minha existência.

À minha orientadora, Jessica Mayana, e à minha coorientadora, Áurea, por me permitirem e apoiarem nessa trajetória. Agradeço a escuta atenta e pelo cuidado em todo o processo.

A Diego, pela amizade, pelos estudos e apoio que sempre me ofereceu desde o ensino médio. Estendo o agradecimento a Itana, por todas as boas trocas que tivemos.

Aos meus pais, por me apoiarem e me darem tudo o que precisei para construir quem sou hoje. À minha mãe, por ser significado de amor puro em minha vida.

À minha tia Meiriva, por ser uma segunda mãe para mim.

À minha família paterna e materna, pelo acolhimento e por se fazerem presentes.

À família Colônia, por ser sinônimo de lar. Em especial, agradeço à Cilene e Eliana, pelos esforços que sempre fizeram para me ver bem.

A João Carlos, por me mostrar que vale a pena amar e ser amada.

À Eduarda Escobar, por ser minha dupla da faculdade e da vida.

Aos meus amigos de tantos anos, Joana e Maurício, por serem minha família em Barreiras.

Aos meus compadres Ingrid e Tony, pela grande amizade que construímos.

Aos amigos que o IFBA me deu: obrigada por serem escuta, apoio e respiro. Em especial, Alicia, Jéssica R., Jessica B., Jessica L., Geisse, Hennedy, Igor, Tiago, Milena, Loise, Andressa, Janine, Camila e Áurea. Agradeço pelas conversas nos corredores, na Galega e em tantos outros momentos.

À família Planta Baixa, por me escolherem e batizaram em 2019. Aos que batizei ou chegaram depois, agradeço o companheirismo e a gentileza; desejo que essa família continue se fazendo presente.

Minha gratidão a Ezequiel, Ingrid, Victória, Amanda, Hálisson, Thatyanne, Vinícius e Ryan.

Aos meus professores do ensino básico, médio e da graduação, em especial Jurema, Diogo, Alan e Cristiane, pelas contribuições tão expressivas nas ciências humanas e sociais aplicadas e, acima de tudo, por me ensinarem com humanidade, sensibilidade e dedicação.

Ao IFBA e ao sistema público de ensino, minha profunda gratidão por tudo o que me foi proporcionado. Desde 2019, quando, aos 17 anos, ingressei na graduação em Arquitetura e Urbanismo – o segundo curso público do Estado da Bahia, do qual tenho imenso orgulho de ter feito parte – até 2025, ano em que concluo minha formação, saindo com muita bagagem, sensibilidade e olhar atento para o mundo das ciências sociais aplicadas e para a vida.

Não caberiam aqui todos os agradecimentos e sentimentos que me atravessam neste momento. Eu só agradeço todo o amor que cativei e recebi ao longo deste processo e que não se finda aqui, só cresce.

"A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir"

Bell Hooks, Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade, 2013.

RESUMO

O trabalho analisa fenômenos urbanos de produção do bairro Morada da Lua, Barreiras-BA, entre os anos de 1980 e 2019, a partir dos conflitos entre ordens políticas e sociais, destacando as vivências, representações e protagonismos dos moradores e moradoras na constituição dos territórios e fronteiras materiais, simbólicas e étnico-raciais do bairro. A interpretação desses fenômenos urbanos fundamenta-se nas contribuições temáticas e metodológicas de História das Cidades, a partir de Michel de Certeau e Sandra Pesavento, que orientam a análise das apropriações e significações presentes na constituição, organização e consolidação urbana da Morada da Lua. A pesquisa também utiliza fontes documentais, jornais e acervo de interlocução popular proposto pela pesquisa, para compreensão dos discursos entorno do espaço e do lugar. A ocupação do espaço ocorreu inicialmente sob a lógica do "progresso", articulada entre setores público e privado. Contudo, foi ressignificada pelos moradores, a partir de suas cartografias sociais próprias, exemplificadas nas dinâmicas em torno do "Pé de Juá", que se tornou marco das sociabilidades locais e da fronteira que contorna o bairro. Entre os anos de 1995 e 2019, o bairro passa por modificações e silenciamentos dos "sons" e sociabilidades que marcaram sua conformação. No entanto, as sociabilidades não desapareceram, mas produzem novas dinâmicas e contornos urbanos,

como a fragmentação em “Morada da Lua de Cima” e “Morada da Lua de Baixo”, formalmente reconhecida pelo poder público no ano de 2019, em meio ao processo de consolidação do modelo de “progresso” no bairro.

Palavras-Chave: Barreiras. Morada da Lua. Fronteiras. Conflitos. “Progresso”.

ABSTRACT

This study examines the urban development of the Morada da Lua neighborhood in Barreiras, Bahia, from 1980 to 2019, through the lens of political and social conflicts. It emphasizes the lived experiences, representations, and agency of local residents in shaping material, symbolic, and ethno-racial boundaries and territories. The analysis is grounded in the theoretical and methodological frameworks of Urban History, particularly the works of Michel de Certeau and Sandra Pesavento, which guide the interpretation of spatial appropriation and meaning-making processes in the neighborhood's formation and consolidation. The research draws on a range of sources, including archival documents, newspapers, and a community-based oral history archive developed during the study, to explore the narratives surrounding space and place. Initially occupied under a discourse of "progress" – coordinated by both public and private sectors—the area was later redefined by residents through their own social cartographies. A key example is the "Pé de Juá," which emerged as a symbolic landmark of sociability and territorial demarcation. Between 1995 and 2019, the neighborhood underwent transformations marked by the silencing of social dynamics that once defined it. Nonetheless, these sociabilities persisted, giving rise to new forms of interaction and spatial organization, such as the division into "Morada da Lua de

Cima" and "Morada da Lua de Baixo," officially recognized by local authorities in 2019, amidst the ongoing consolidation of a progress-driven urban model.

Keywords: Barreiras. Morada da Lua. Boundaries. Conflicts. "Progress".

SUMÁRIO

[1] O CAMINHO: MORADA DA LUA ENQUANTO ESPAÇO, LUGAR E TERRITÓRIO	16
[1.1] TERRITÓRIO E FRONTEIRA NA ESCALA DO BAIRRO	35
[2] A MORADA DA LUA NA HISTÓRIA: CONFLITOS, PLANEJAMENTO, SIMBOLISMOS, REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO DE "PROGRESSO" NA PRODUÇÃO URBANA DO BAIRRO.....	40
[2.1] LAMENTO: JUAZEIRO	58
[3] CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
[4] REFERÊNCIAS.....	81
[5] ANEXO A.....	88

PREFÁCIO

Das memórias mais aconchegantes, as histórias que me eram contadas na infância são minhas prediletas. A escuta atenta dessas histórias - sobre família, costumes, fazeres manuais - eram apreendidas de forma peculiar, provavelmente como uma tentativa de guardar o que me pertencia, já que a distância física - e com ela a sensação de não pertencimento aos lugares onde morei ao longo da infância - esteve presente em boa parte da minha vida. Com o passar dos anos, e mais especificamente ao longo da minha formação em Arquitetura e Urbanismo, pude perceber que esse exercício de escuta e apreensão de histórias se ampliou para além das questões familiares e pessoais. A observação dos espaços urbanos e a escuta de quem os habita e vivência tornaram-se parte do meu repertório analítico e sensível. Os estudos urbanos, portanto, acrescentaram uma nova camada à minha percepção: a cidade como uma trama vívida, constituída por dinâmicas que se entrelaçam ao longo do tempo. Foi assim que tive a oportunidade de me aproximar da Morada da Lua como campo de estudo - bairro onde moro há cerca de seis anos -. Esse processo se entrelaça a um movimento interno de aproximação a esse lugar, que me fez despertar um interesse especial na apreensão das histórias e memórias que o constituíram e assim, no aprofundamento dos estudos urbanos sobre ele. Decido então que esse trabalho seria a oportunidade para me dedicar a isso, me colocando como pesquisadora e moradora, que

encontra aqui a possibilidade de assumir um papel de quem investiga,
mas também vivencia e se reconhece cada vez mais nesse lugar.

"o preço do progresso às vezes
custa a própria vida". Carlos
Quirino, Fino Espelho -
Abstrações Poéticas, 2023.

[1] O CAMINHO: MORADA DA LUA
ENQUANTO ESPAÇO, LUGAR E
TERRITÓRIO

No caminho de definição desse trabalho, reconheço que o ponto de partida é resultado de uma trajetória acadêmica marcada por um particular interesse na apreensão dos fenômenos históricos e sociais que permeiam uma cidade. Ao explorar esse campo de pesquisa por meio de derivas, insistências¹ e estudos direcionados ao urbano², me deparo com aspectos que à primeira vista, me apareciam como incógnitas, por exemplo³: pense em duas ruas paralelas de um bairro. Em sua forma física

¹Metodologias de apreensão do espaço urbano: BECHLER, Janaína. Deriva parada Revista Redobra, n. 10, pág. 56-63, 2012. DE BIASE, Alessia. Insistência Urbana ou como ir ao encontro dos "imponderáveis da vida autêntica". Revista Redobra, n. 12, pág. 80-86, 2013.

²Dentre eles, estudos desenvolvidos como membra do projeto de pesquisa "Diante da nova fronteira a cidade Barreiras: razão e colonialidade nas transformações da cidade (1960-2000)", vinculado ao Edital n° 16/2021/PRPGI de 14 de outubro de 2021

possuem grandes similaridades - o estado do asfalto, a iluminação nos postes e até mesmo a quantidade de edificações-. Porém ao observar esses **espaços**⁴ durante uma semana, sempre no fim de tarde, você percebe que enquanto uma rua tem movimento intenso de pessoas - que não necessariamente moram ali - a outra permanece esvaziada.

Você pode ter se questionado: por que as pessoas optam por uma rua em vez de outra, mesmo sendo elas

(Homologação e Registro de Projetos de Pesquisa e Inovação - Fluxo Contínuo).

³Se refere a um estudo de caso do bairro Morada da Lua que se desdobra em proposta urbanística para crianças, desenvolvida no componente Projeto Urbanístico I, 2022 em dupla com Eduarda Escobar de Santana.

⁴No decorrer do texto faço destaque na cor cinza das palavras **espaço, lugar, território e fronteira** que se revelam enquanto conceitos norteadores da pesquisa.

similares em suas questões físicas? O exemplo ilustra que a cidade se apresenta para mim enquanto uma rede complexa que não se finda em seus aspectos físicos.

A Cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento (PESAVENTO, 2002, p.10)

A cidade é tomada como um campo complexo de estudo e reflexão, dadas múltiplas dimensões que o compõem. Haja vista sua complexidade, analisá-la implica em se debruçar a estudos e conceitos multidisciplinares, uma vez que sua constituição perpassa por amplas esferas que se atravessam. Isso fica mais palpável tomando como referência o exemplo apresentado

anteriormente. Por ele, diversas análises podem ser tecidas para encontrar as motivações que levam uma rua a ser esvaziada e outra apresentar uma maior quantidade de pessoas e de dinâmicas em determinados momentos. É por meio dessa visão, que a cidade se estrutura como objeto de estudo deste trabalho, com enfoque principal nas questões urbanas na escala do bairro.

Objetivou-se, aqui, demonstrar como as imagens e imaginários, as vivências e os discursos produzem organizações espaciais, de forma a delimitar **fronteiras** e **territórios** na escala do bairro Morada da Lua

entre os anos 1980 a 2019⁵.

Esse caminho foi possível à medida que se aprofundou a análise de vivências e no processo de ocupação da Morada da Lua. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou fontes diversas para acessar as representações e concepções sobre a temática de análise. Para isso, buscou-se repertório de memórias e acervos de moradores da cidade de Barreiras através de interlocuções⁶ - ressaltando a condição de moradora que desempenhou um papel na

organização e interpretação desse repertório -.

Esses dados foram recolhidos e transcritos para uma leitura detalhada dos temas abordados, além de serem correlacionados e tensionados em conjunto com análises documentais outras, incluindo mapas, cartografias, planos diretores, jornais, revistas e obras literárias.

A Morada da Lua foi primeiramente estabelecida como loteamento no início da década de 1980 e localiza-se em Barreiras, cidade de médio porte com cerca de 160 mil habitantes

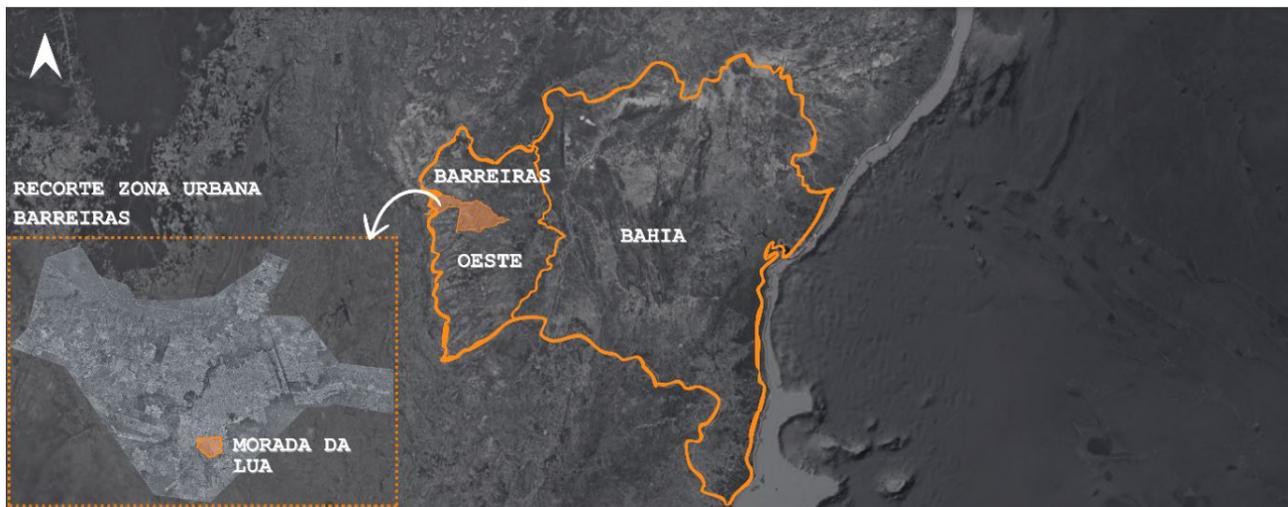
⁵O período compreende o surgimento da Morada da Lua enquanto loteamento e seus desdobramentos que configuram fenômenos urbanos de consolidação urbana.

⁶Este estudo utiliza interlocuções como metodologia que aparecem no trabalho com

cor da fonte laranja. Em anexo, encontra-se o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) desenvolvido pela autora para formalização das interlocuções.

(IBGE, 2022) situada na região
Oeste da Bahia.

Mapa 01- Delimitações geopolíticas do Município de Barreiras, da região Oeste e do estado da Bahia. À esquerda, recorte da área urbana de Barreiras com destaque para o bairro Morada da Lua.



Fonte- Imagem capturada do Google Earth com edição e adaptação da autora (2024/2025) partindo de informações referenciadas no Plano Diretor Urbano de Barreiras (2020/2030) e IBGE (2022).

No Mapa 01⁷ são destacadas as delimitações geopolíticas dos locais expostos anteriormente. Observar essas distintas espacialidades inscritas e circunscritas, me faz retornar à reflexão acerca dos processos socioespaciais de constituição de uma cidade: sob quais premissas eles são capazes de produzir e moldar os **espaços** urbanos, como por exemplo, um bairro?

Uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo, uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido das relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que

⁷Parte da análise foi construída por meio de mapas e cartografias. O primeiro, refere-se a representações gráficas autorais que assimilam dados de referências externas - "oficiais" para o poder público -. Já as cartografias, além de serem representações gráficas autorais, se

nela habitam (PESAVENTO, 2002, p. 32)

Essa elocução de Sandra Jatahy Pesavento (2002), reforça a perspectiva em que relacionamos dialeticamente as concretudes e materialidades dos **espaços** com outras interações e significações que também produzem cidade, como imaginários, política, relações econômicas, planejamentos urbanos, relação entre campo e cidade, migrações e outros. O que considero aqui é a premissa de compreender os fenômenos urbanos por meio dessas apropriações e produção de

diferem dos mapas por terem assimilações populares e análises da pesquisa. Exceto o Mapa 1, todos os demais mapas e cartografias possuem o mesmo recorte espacial.

sentido que formam os imaginários de uma cidade.

A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas. Estaríamos, pois, imersos num "mundo que se parece", mais real, por vezes, que a própria realidade e que se constitui numa abordagem extremamente atual, particularmente dirigida ao objeto "cidade" (PESAVENTO, 2002, p. 08)

Um conjunto de imagens produzidas e difundidas constituem imaginários, portanto, as representações construídas em nível individual e coletivo nas práticas cotidianas que se tornam socialmente reproduzidas, tem capacidade de delinear organizações urbanas em nível físico e simbólico. É por meio do olhar atento a essa rede de significâncias e condutas que pretendo compreender dinâmicas e

transformações do bairro Morada da Lua, considerando isso para me aproximar e delimitar um recorte analítico dentro desse amplo contexto que é a ocupação de um **espaço** urbano.

Mapa 02- Delimitação do bairro Morada da Lua segundo os Planos Diretores Urbanos entre os anos de 1989 a 2019, destaque de trecho da Avenida Ruy Barbosa e canteiro presente no trecho indicado



Fonte- Imagem capturada do Google Earth com edição e adaptação da autora (2024/2025) partindo de informações referenciadas nos Planos Diretores Urbanos de Barreiras (1989/2004/2019)

Legenda-

- DELIMITAÇÃO BAIRRO MORADA DA LUA (PDU, 1990-2004)
- DELIMITAÇÃO BAIRRO MORADA DA LUA (PDU, 2019-ATUAL)
- TRECHO AV. RUY BARBOSA
- CANTEIRO

No Mapa 02 destaca-se a configuração dos limites do bairro conforme os Planos Diretores Municipais de 1989/2004 e 2019. Realça-se, ainda, o trecho da avenida Ruy Barbosa e seu canteiro central. Parte da BA-455, essa via conecta as cidades de Barreiras e Catolândia, atravessando o bairro e funcionando como elemento urbano dinamizador dessa espacialidade.

Ao passo que olho as modificações dos limites do bairro ao longo do tempo, de acordo com o poder público municipal, me questiono como isso reverbera nas organizações e percepções de seus viventes. Faço então o exercício de sair

da perspectiva aérea e acessar minhas vivências do percorrer e viver o bairro em minhas andanças.

Como moradora, sempre ouvi e me referenciei à Morada da Lua como *o bairro que começa a partir do canteiro da Avenida Ruy Barbosa*⁸ que vem de uma percepção e subjetividade da minha vivência com o bairro: entrar em um mercado e reconhecer os trabalhadores e trabalhadoras, cruzar com rostos conhecidos enquanto percorro o urbano. A partir desses e de tantos outros referenciais, ultrapassar o canteiro da Ruy Barbosa é como atravessar uma **fronteira** que delimita a

⁸Registro de observação e apreensão antes e durante a pesquisa, 2018-2025.

percepção de casa, de **território** reconhecido.

A partir desse entendimento, investigamos o cotidiano em processos históricos de constituição e consolidação do bairro, buscando aprofundar e levantar questões em volta desse recorte analítico: **fronteiras** e **territórios** na Morada da Lua. No caminho, me deparo com a poesia "Minha Terra tem Juazeiros: Despedida do Pé de Juá do bairro morada da lua (in memoriam)"⁹. Nele o "Pé de Juá" - árvore personificada no texto - situado entre a rua Dr. Orlando de Carvalho e a Avenida Ruy Barbosa, lamenta e se despede de sua "vida de Juazeiro":

⁹QUIRINO, Carlos Abdon. "Minha Terra tem Juazeiros: Despedida do pé de juá do bairro morada da lua (in memoriam)". In: *Fino*

Espelho - Abstrações Poéticas. 2023, pág. 77-79.

pressinto que os meus dias
estão contados
a minha morte já foi decretada
pelo representante do poder
público
simplesmente porque aqui onde
estou atrapalho o trânsito
entravo o progresso
vejo à minha frente homens e
máquinas avançando lentamente
feito
monstros estendendo seu tapete
negro sobre o chão pilado da
estrada

já posso até ouvir o barulho
ensurdecedor do motosserra
com sua língua cheia de dentes
velozes afiados
entre vozes e risos meu algoz
impiedosamente
trucida-me galho em galho numa
tortura agonizante fatal

entretanto nada tenho a
reclamar
aceito a minha triste sina
se for para o bem de todos e
felicidade geral do povo da
Morada da Lua
morrerei feliz e plenamente
realizado

tenho certeza do cumprimento do
meu papel enquanto árvore
quantos ao longo dos anos se
abrigaram
sob meu manto verde e frondoso

quantos bêbados tomados pelo
delírio de sua embriaguez
acharam em meu tronco encosto
perfeito para seu sono profundo

quantos animais ofegantes com
peso de seus fardos
aqui descansaram refazendo suas

forças para continuarem viagem
rumo ao Buracão
Boqueirão do Justino Boqueirão
do Rodrigo
Mantiqueira Bezerro Catolândia
e regiões vizinhas

quantos pássaros em meus galhos
mais altos fizeram seus ninhos
e criaram seus filhotes
dando-me em troca o prazer de
lindas músicas chilreadas

com meus frutos agrídoces
alimentei crianças e animais
não porque estavam com fome mas
pelo prazer de saborear-me

sou testemunha de muitos
encontros e desencontros
amorosos
sou confidente de muitos
problemas
sentimentos cochichados em meus
ouvidos
que levarei para sempre no
silêncio profundo de minhas
raízes

orgulhosamente guardo em meu
corpo de árvore
as marcas de facões afiados
daqueles que buscavam extrair o
shampoo e o creme dental na
esperança de curarem seus males

durante anos servi de estação
para uma procissão de velhas
senhoras
que debulhavam sua fé em
orações de lamentação
"oh reza, reza irmão meu oh
reza pelo amor de deus amor de
deus amor de deeeus"
o escuro da noite era cortado
por cambaleantes luzes de velas
pelos secos sons das matracas

servi de ponto de referência
para muitos cobradores
localizarem seus clientes
inadimplentes
ou até mesmo para forasteiros
localizarem seus parentes aqui
residentes

fui até garoto propaganda
fiquei famoso
nas ondas médias das rádios
barreiras e vale do rio grande

fui testemunha de muitos
comícios inflamados
passeatas reivindicações do
povo sofrido deste bairro
não sabendo eles que junto às
suas petições
estavam também assinando minha
sentença de morte

o preço do progresso às vezes
custa a própria vida
porém de nada arrependo ou
reclamo
pois durante todos esses anos
vivi intensamente a minha vida
de juazeiro
num verdadeiro elo de servir a
tudo e a todos
sem distinção de cor raça ou
credo

que mais posso querer desta
vida
se não apenas boas lembranças
dos ventos
das chuvas do brilho quente do
sol
da maciez da lua
das vozes dos passantes dos
beijos dos amantes

despeço-me de todos
peço apenas que me guardem para
sempre em suas memórias

ou em seus álbuns de família
não. não há mais tempo
homens e máquinas avançam em
minha direção
feito monstros estendendo o seu
véu negro
como a sombra da morte
morte... morte... morte...
(QUIRINO, 2023, p.77-79)

Entendo que minha percepção sobre a fronteira de contorno do bairro advém de uma dinâmica anterior. Esse “Pé de Juá”, descrito no texto, foi símbolo marcante na conformação do bairro. Reunia dinâmicas, encontros de moradores e transeuntes. Firmou-se como ponto de referência cotidiano, religioso e político.

Sua importância também se fomentou pela proximidade com o primeiro mercado estruturado do bairro, o Comercial Confiança¹⁰, e com outros elementos que demonstram as dinâmicas em volta do seu processo de ocupação, como a avenida que o atravessa.

¹⁰Mesmo após o fechamento do Comercial Confiança, em 2017, muitos moradores ainda se referem aos novos comércios que se instalaram no mesmo edifício, como “Antigo Confiança” revelando mais um imaginário perpetuado no tempo.

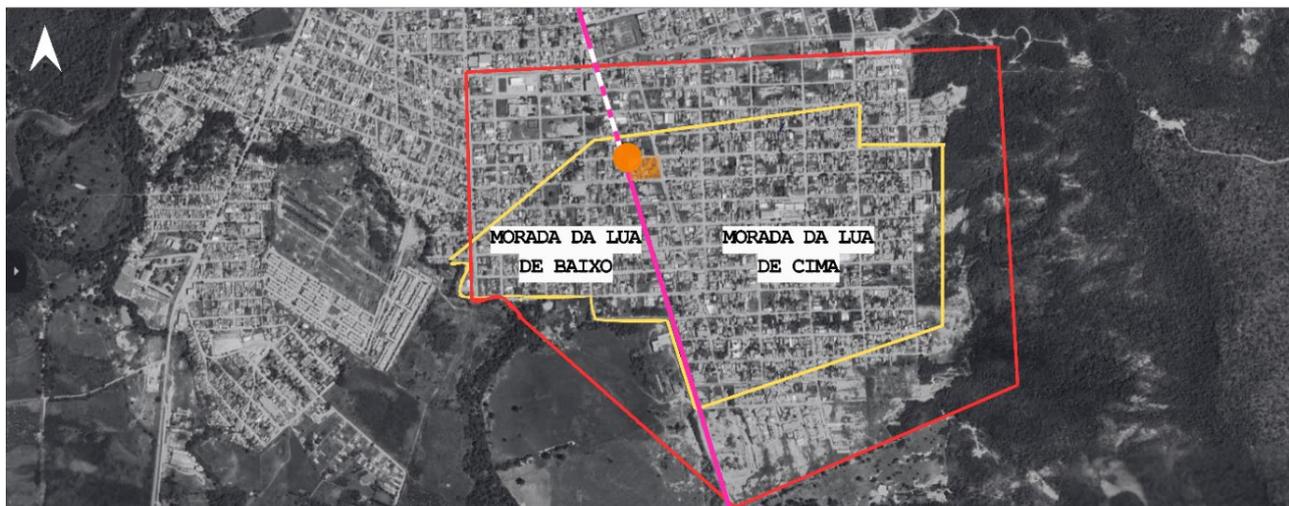
Mesmo após sua derrubada, em meados da década de 1990¹¹, sua representação foi perpetuada e sua localização parece produzir até hoje um limite de reprodução de práticas urbanas.

As lembranças de um **lugar** que embora tenha mudado ao longo do tempo - a partir desse “progresso” colocado no poema - ainda preserva algumas práticas cotidianas de seu passado. Os relatos demonstram o imaginário social em torno desse **lugar**, articulando a relação entre as dinâmicas sociais e a produção de **fronteiras**. Demonstram também que não se trata apenas dessa **fronteira** do bairro, mas de

¹¹Segundo acervo de interlocução com os moradores do bairro, coletado durante o período de realização deste trabalho, os quais foram utilizados para construção da análise proposta aqui.

tantas outras organizações urbanas que podem se estabelecer. Como a que aparece pela primeira vez no trabalho: “Morada da Lua de Cima” e “Morada da Lua de Baixo”.

Cartografia 01- Sobreposição de elementos dinamizadores do bairro, organizações urbanas e sociais.



Fonte- Imagem capturada do Google Earth com edição e adaptação da autora (2024/2025).

Legenda

-  DELIMITAÇÃO BAIRRO MORADA DA LUA (PDU, 1990-2004)
-  DELIMITAÇÃO BAIRRO MORADA DA LUA (PDU, 2019-ATUAL)
-  TRECHO AV. RUY BARBOSA
-  CANTEIRO

Uso a mesma base do mapa 02, para espacializar as relações anteriormente mencionadas. Em sobreposição tanto aspectos oficializados, quanto aqueles que se estabelecem no cotidiano.

A vida urbana deixa sempre remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder se urbaniza, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se combinam fora do poder (CERTEAU, 1994, p. 102.)

Há questões que se entrelaçam, algumas **fronteiras** podem, de fato, terem se estabelecido a partir da demarcação estabelecida em projeto urbanístico. Examinamos elementos que a fazem perpetuar no tempo, e aqueles que surgiram sem mobilizações programadas, mas espontâneas, como a fragmentação "Morada da Lua de Cima" e "Morada da Lua de Baixo"

que produz novas delimitações e territorializações.

O "Pé de Juá" era o limite, que tem a "Morada da Lua de Cima" e a "Morada da Lua de Baixo" (ANGELITTA SANTOS, 2024)

Elas acontecem sem que sejam descritas ou ilustradas nos mapas e documentos que delimitam os bairros da cidade de Barreiras. E mesmo assim, essa representação é tão conhecida e reconhecida por moradores e não moradores, que na prática cotidiana parecem produzir dois bairros distintos. Lembro-me das diversas vezes que ouvi "*É na Morada da Lua de Cima*"

ou de Baixo?"¹² ao mencionar onde residido.

¹²Registro de observação e de conversa informal antes e durante a pesquisa, 2018-2025.

As vivências são parte importante para compreensão dos fenômenos em questão, haja vista que são por meio delas que o próprio bairro é produzido enquanto **espaço** dotado de dinâmicas particularmente caracterizadas pelas práticas de seus habitantes entre si e no contexto urbano.

O bairro pode ser entendido como a menor porção da unidade administrativa. Muitas vezes, porém, os limites desenhados pelo poder público não coincidem com o bairro "vivido" pela população, onde as relações pessoais atuam como demarcadores de territórios e papeis (COSTA e MACIEL, 2009, p. 5)

As redes de sociabilidade produzem, ao tempo que são produzidas também, relações simbólicas revelando-se enquanto **lugares** de produção de significados, formas e conteúdo. São, também, nas significações espaciais, correlacionadas as

identitárias, culturais, sociais, econômicas e políticas, onde encontramos razões para compreendermos emergências de **fronteiras** e **territórios** urbanos.

A partir desse modo de leitura do urbano, interpretamos e analisamos as nuances de constituição e estabelecimento do bairro Morada da Lua, ao passo que sobrepomos as camadas - na escrita e em cartografia - narradas nos documentos e projeto de loteamento, nos planos urbanísticos e de parcelamento do solo da cidade de Barreiras, na narrativa do loteador.

**[1.1] TERRITÓRIO E FRONTEIRA NA
ESCALA DO BAIRRO**

A análise percorreu pelo caminho temático e metodológico comum de História das Cidades, sobretudo a partir das práticas de seus moradores - consumidores -. Há centralidade nessa perspectiva sem excluir outros fatores que atravessam, se impõe, moldam o **espaço** e as percepções sobre ele. Processos vividos e impostos moldam e são moldados ao longo do tempo, o que revela sua dinamicidade. A proposta não foi os revelar ou os elencar minuciosamente, mas demonstrar como as experiências vividas de consumidores da cidade, produziram e concorreram para organizar **espaços**, como mesmos grupos subalternizados em relação a instituições, grupos

dominantes, eram indispensáveis na constituição do bairro, nas suas delimitações, nas suas **fronteiras**.

Ermínia Maricato (2000)¹³ argumenta que as cidades brasileiras são frequentemente moldadas por processos que não se encaixam nos termos formais e legais, por muitas vezes, não estarem alinhados à realidade social, econômica ou cultural.

Nesse contexto, surge o confronto entre os discursos, representações, imaginários, narrativas, as práticas e a relação com a produção urbana no bairro Morada da Lua.

No decorrer da pesquisa, as palavras: **lugar**, **espaço**, **território** e **fronteira** são

¹³MARICATO, Ermínia. A Cidade do Pensamento Único. 2000.

destacados por serem importantes para a compreensão dos efeitos significativos que o imaginário social, moldado pelas práticas e representações urbanas exercem sobre a configuração do bairro. Um exemplo desse processo - e um dos caminhos para chegar ao objetivo da pesquisa - foi a investigação sobre os aspectos que caracterizaram a transição de um loteamento para um bairro. Propor isso é entender que a alteridade entre eles não está condicionada apenas pelo significado das palavras, mas por suas significações.

Muda o mundo e ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele que o mundo é percebido empiricamente. Numa mesma cidade, é possível identificar o acontecer hierárquico resultante das ordens provenientes de um lugar.

Não é que haja um lugar comandando, mas os limites à escolha de comportamentos num lugar podem se dever aos interesses sediados em um outro (SANTOS, 2005, p. 158)

Milton Santos (2005) define o **lugar** como uma "funcionalização do mundo", onde os sujeitos experienciam, vivem e atribuem sentido no cotidiano. Compreendo que isso seja subjetivo, pois, a concepção de **lugar** muda entre grupos distintos. Mas é a partir do conjunto de comportamentos e vivências que se delineiam as particularidades de cada **espaço**, os caracterizando como **lugares**.

Nesse caminho reflito que se tratando da escala cidade, existem processos que podem determinar sem ressignificações e resistências e moldar a percepção dos indivíduos acerca dos **lugares**. O "acontecer

hierárquico" colocado por Santos, atribui novas ordens às organizações espaciais. Na busca por entender essas questões chego aos estudos de **território** e **fronteira**:

Um território não se define apenas enquanto um espaço apropriado simbolicamente, com a formação de uma identidade cultural/ territorial. Ele nasce na discussão sobre o domínio/controlado político do espaço. Esse poder simbólico, ao se manifestar, pode fazer uso de elementos espaciais, representações ou símbolos, constituindo assim uma identidade territorial, ou seja, um conjunto concatenado de representações socioespaciais, atribuindo coesão e força (simbólica) ao grupo que ali vive e que com ele se identifica. Territórios e fronteiras são referenciais concretos fundamentais para a construção dessas identidades, onde a alteridade fica muitas vezes condicionada a um determinado limite físico de reprodução dos grupos sociais (HAESBAERT, 1997, p. 31-49)

Esse trecho amarra uma concepção: **lugar** como **espaço** significativo à medida que é

praticado e apropriado simbolicamente. Na Morada da Lua essas conceituações foram importantes na construção da análise sobre como políticas urbanas e dinâmicas sociais locais influenciam os contornos do bairro e a relação dos moradores com o **espaço**.

A análise das **fronteiras** internas, que emergiu a partir da fragmentação entre "Morada da Lua de Cima" e "de Baixo", revela como essas demarcações **espaciais** contribuem para a construção de identidades e práticas distintas. A análise segue a partir daqui, investigando as interações dos sujeitos com o **espaço**, os fenômenos que repercutiram em sua transição para bairro e suas

organizações **espaciais,**
territoriais e **fronteiriças.**

[2] A MORADA DA LUA NA HISTÓRIA:
CONFLITOS, PLANEJAMENTO,
SIMBOLISMOS, REPRESENTAÇÕES E
IMAGINÁRIO DE "PROGRESSO" NA
PRODUÇÃO URBANA DO BAIRRO

Para investigar sobre fenômenos e **fronteiras** do bairro Morada da Lua, assumo a postura de analisar a história a partir das distintas perspectivas e dos conflitos entre elas. Segundo Clóvis Oliveira (2016, p.275) "definir uma região, isto é, procurar um **espaço** na história é uma tarefa que pode ser começada por aqueles que a definiam à distância". Como recurso, utilizo em primeiro momento fontes oficiais e interlocução com o loteador do bairro, João Marques da Silva, popularmente conhecido em Barreiras por João "de Germano"¹⁴.

Na ementa do decreto N° 057 de 12 de setembro de 1984, que vem em substituição ao original

de "Aprovação do loteamento denominado Morada da Lua" - Decreto N° 035 de 1° de novembro de 1982 -, encontro dados como sua área inicial: 1.004.528,30m², distribuída em 2.803 lotes. No Plano Diretor Urbano (1989, p.109) a região correspondente ao loteamento é apontada com: "potencial de densificação e ocupação de vazios existentes em grande parte já loteados", por estar localizada em uma das "zonas de crescimento da cidade". Encontro outros decretos, como o de N° 033 de 17 de março de 1998, no qual informa sobre o loteamento ter sido requerido pelo "Sr. João Marques da Silva" definindo

¹⁴João Marques da Silva, filho de Germano (proprietário do "Lojão do Germano" localizado no centro de Barreiras-Ba).

seus "limites e confrontações"
espaciais:

Ao Norte com o loteamento Aratú,
Terras do Sr. Esmail Figueiredo
e do próprio requerente. Ao Sul,
com terras dos Herdeiros de
Durval Regis. Ao Leste com
terras do proprietário (Serra do
Mimo) e a Oeste com Riacho do
Ribeirão (BARREIRAS, 1998)

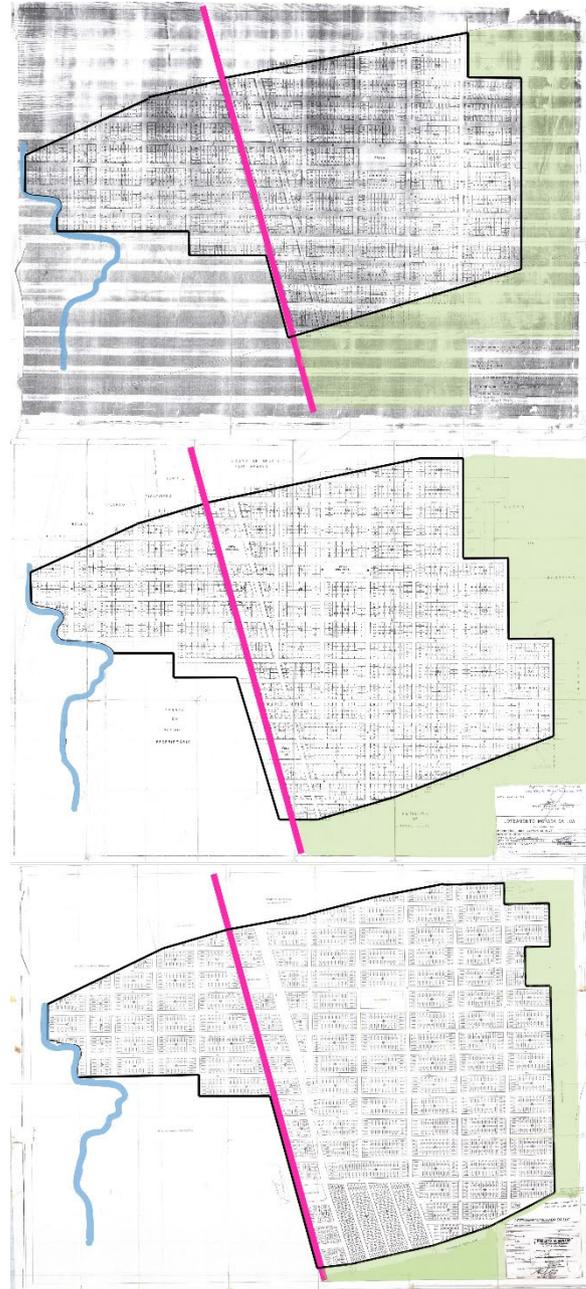
Descrições que dizem pouco
sobre sua conformação,
especialmente considerando que
em 1998, por exemplo, essa
fronteira com a Serra do Mimo,
mencionada anteriormente, já
havia sido ultrapassada e
regulamentada pela prefeitura
sem maiores esclarecimentos por
parte do poder público. O que se
destaca, no entanto, é que a
organização **espacial** da Morada
da Lua foi estabelecida de forma
externa a partir de
disciplinamento, traçado e
loteado, articulado pelo poder
público com iniciativa privada.

Cartografia 02- Conjunto das Plantas do Loteamento -1982, 1998 e 2012 - com destaque das modificações no loteamento ao longo do tempo, articulado ou sobrepostos aos elementos naturais e urbanos dinamizadores do bairro.

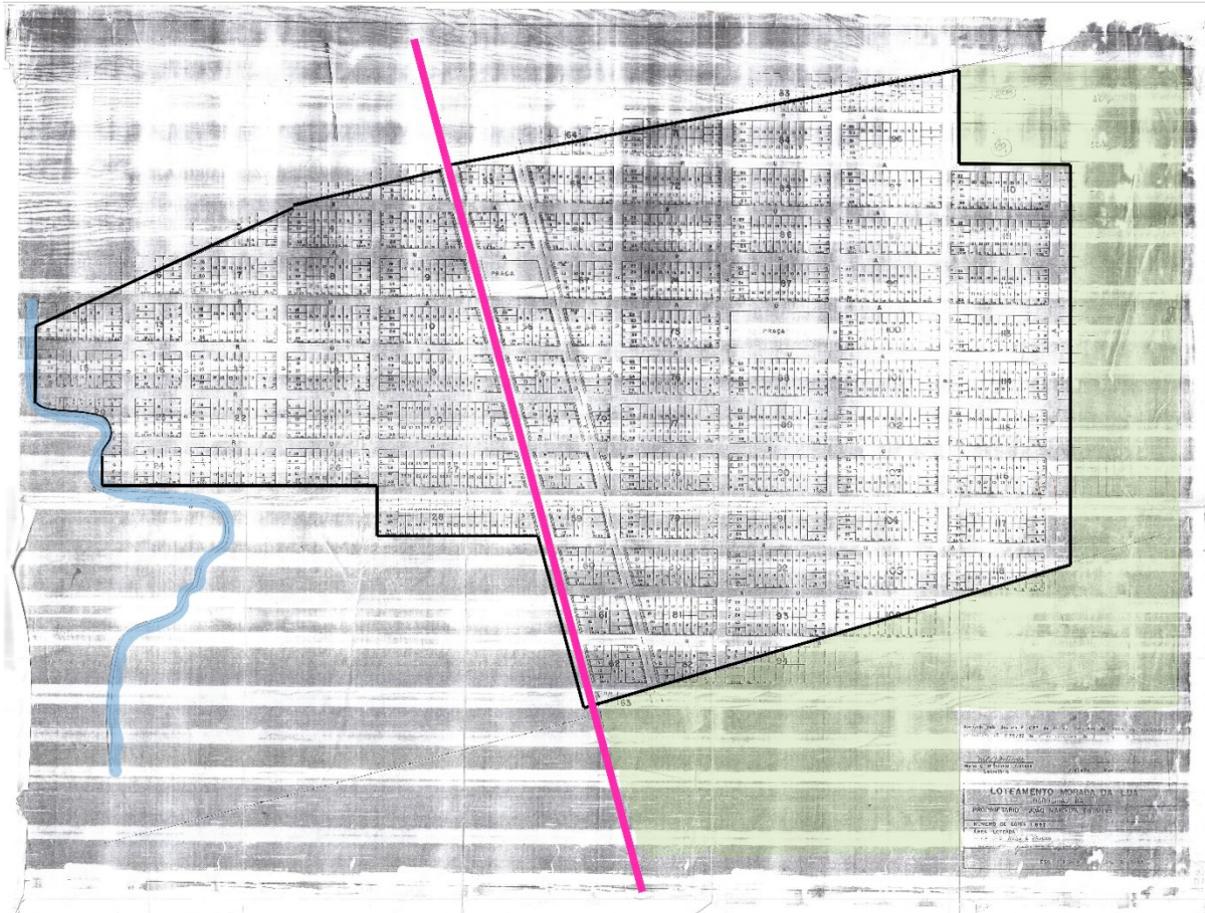
Legenda

- CONTORNOS DO BAIRRO
- TRECHO AV. RUY BARBOSA
- RIBEIRÃO
- SERRA DO MIMO

Fonte- Plantas do Loteamento Morada da Lua - Acervo prefeitura de Barreiras. A primeira de 1982, a segunda 1998 e a terceira de 2012 - com edição e adaptação da autora (2024/2025).

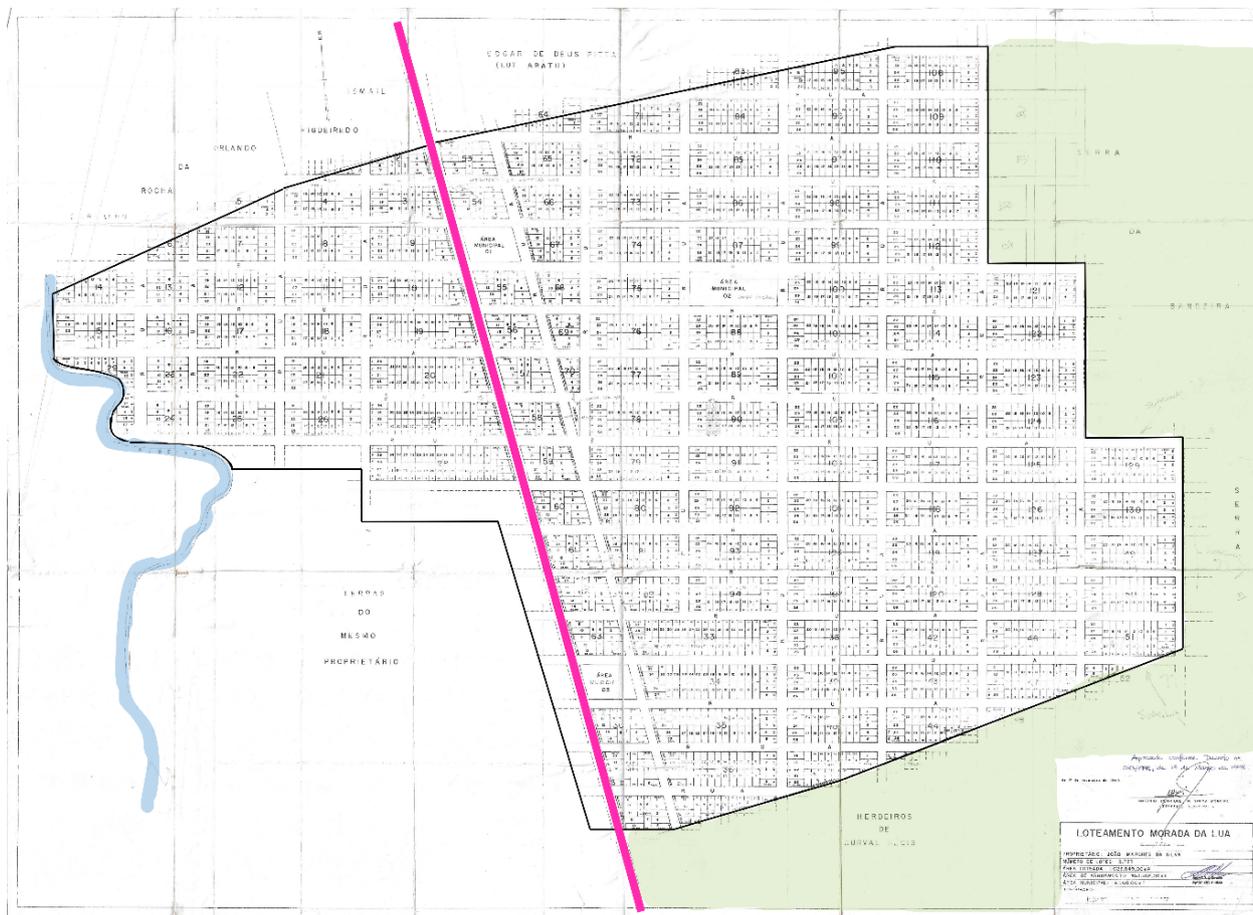


Cartografia 02- Conjunto das Plantas do Loteamento -1982, 1998 e 2012 - com destaque das modificações no loteamento ao longo do tempo, articulado ou sobrepostos aos elementos naturais e urbanos dinamizadores do bairro. (ampliação Planta de 1982).



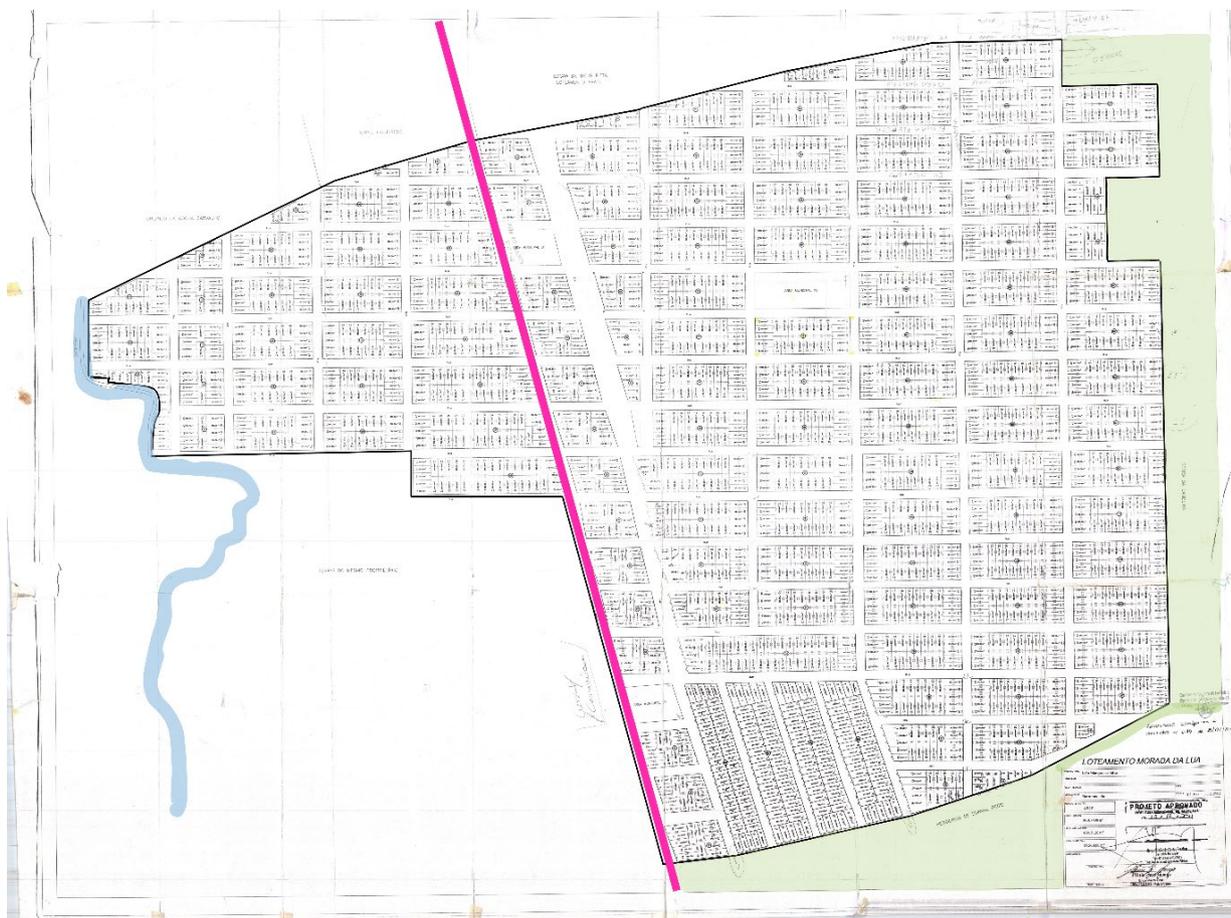
Fonte- Planta do Loteamento Morada da Lua (1982) - Acervo prefeitura de Barreiras. Com edição e adaptação da autora (2024/2025).

Cartografia 02- Conjunto das Plantas do Loteamento -1982, 1998 e 2012 - com destaque das modificações no loteamento ao longo do tempo, articulado ou sobrepostos aos elementos naturais e urbanos dinamizadores do bairro. (ampliação Planta de 1998).



Fonte- Planta do Loteamento Morada da Lua (1998) - Acervo prefeitura de Barreiras. Com edição e adaptação da autora (2024/2025).

Cartografia 02- Conjunto das Plantas do Loteamento -1982, 1998 e 2012 - com destaque das modificações no loteamento ao longo do tempo, articulado ou sobrepostos aos elementos naturais e urbanos dinamizadores do bairro. (ampliação Planta de 2012).



Fonte- Planta do Loteamento Morada da Lua (2012) - Acervo prefeitura de Barreiras. Com edição e adaptação da autora (2024/2025).

Na cartografia 2, destaco a relação de avanço das **fronteiras** em direção à Serra do Mimo, além do Ribeirão, que se configura como outro elemento de confronto. Ao analisar as alterações das Plantas do loteamento ao longo do tempo - em 1982, 1998 e 2012 - é possível perceber uma expansão e ocupação que acompanha uma via que o atravessa: a Avenida Ruy Barbosa, trecho de início da BA-455.

Aqui, a "potencialidade" do loteamento - mencionada nos documentos supracitados - está diretamente relacionada à Avenida, elemento urbano expressivo na estrutura urbana da cidade e nos desdobramentos planejados, sistematizados e

futuramente reivindicados para o **espaço**.

Em interlocução com João de Germano, há também uma construção da história desse **espaço** sob a perspectiva da "potencialidade" que possuía.

Comecei o loteamento em 1983. Comecei a vender fiado sem perguntar quanto a pessoa ganhava. O interesse pelo loteamento foi fantástico. Quando eu abri foi um sucesso

Morada da Lua, porque lá era uma fazenda, e tinha um curral que eu ia lá com meus meninos pequenos, olhar os gados. Às vezes chegava lá seis horas... seis e pouco, e ficava por ali conversando. A Lua nascia atrás da Serra e os meninos perguntavam:

-Pai, olha a lua saindo!

E eu digo:

-Ali é a morada da lua

Eu tinha uma caixa d'água lá que eu fiz para botar cerâmica. Ninguém achava tijolo, bloco para comprar. Cidade crescendo, eu digo:

-Vou montar uma!

As mulheres queriam lavar roupa, cada uma enfiava uma mangueira dentro da caixa e ficava puxando por gravidade. Naquele tempo você fazia o loteamento não era obrigado fazer arruamento nem botar luz, nem botar água, entendeu? Depois foi que a Embasa botou água, a Coelba botou luz, a luz foi para lá e eu botei. Botei primeiro na cerâmica e passei nessa avenida principal e aí foram puxando porque eu puxei daqui da cidade até lá na cerâmica (JOÃO DE GERMANO, 2024)

Aqui são apresentadas informações sobre o loteamento e um esboço do bairro, constituído por trabalhadores e trabalhadoras que tiveram interesse pela compra desses lotes, atraídos pelas "boas" condições de pagamento em meio a uma "cidade crescendo" (João de Germano, 2024). Em outro trecho da interlocução, ele afirma que as primeiras vendas se deram na "parte plana, no início das duas pistas juntas", referindo-se à Avenida Ruy Barbosa.

Posteriormente, outros lotes foram vendidos em suas margens, onde, nas primeiras décadas de existência do bairro foram construídas edificações destinadas a atividades industriais e comerciais, algumas das quais chegaram a

empregar moradores locais, como no caso da Cerâmica e Usina "Tio Germano" de João de Germano¹⁵. Identificaram-se ainda, outras duas usinas às margens do trecho da Avenida que atravessa a Morada da Lua, atraídas pelas condições favoráveis de aquisição dos lotes, cujo "menor" custo estava atrelado, também, pelo loteamento ser inicialmente uma zona rural, afastada do centro da cidade – então concentrador de serviços e atividades – o que facilitava a implantação de estruturas mais robustas como as usinas. Comerciantes de menor porte também foram atraídos por essas condições, com seus serviços sendo amplamente demandados

devido, também, pela dificuldade de locomoção dos moradores até outros **espaços** da cidade.

Em ambas as descrições, a de ordem documental e a visão do loteador, são apontadas questões que repercutem no "sucesso" e "potencial de densificação" do bairro. Apontam, portanto, dinâmicas de "atração" identificadas a partir da metade do século XX na cidade de Barreiras. Algumas das quais o próprio João de Germano relata:

Eu cheguei com 19 anos, eu e meu pai, em 61 sem nada. Naquele tempo quando a gente tirava o ginásio disse que tinha formado. Aí eu concluí o curso de ginásio. Eu estudei na Barra, na cidade da Barra. Nós íamos ver, eu e ele para ir para Barreiras, para sondar o ambiente, porque Barreiras estava um movimento danado, abrindo essa estrada de

¹⁵ Desativada, a edificação perdura em estado de ruínas.

Brasília a Fortaleza (JOÃO DE GERMANO, 2024)

Como João de Germano, tantos outros migrantes foram atraídos por discursos e políticas que, a partir dos anos 1950, atribuíram a Barreiras a imagem de um **lugar** onde uma “avalanche do progresso muda seu perfil” deixando “para trás a imagem de pobrezinha e mal planejada cidade do século passado” para “ceder” **lugar** ao “benefício progresso”¹⁶.



Fonte- Jornal Nova Fronteira, de 26 de outubro de 1991, Ano II, N° 46, capa, com edição e adaptação da autora (2024/2025).

¹⁶“Barreiras Cresce e muda seu perfil”. Jornal Nova Fronteira, de 26 de outubro de 1991, Ano II, N° 46, capa. Disponível em formato físico no Núcleo de Memória da

Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOPB).

Momento marcado por políticas nacionais de incentivo ao avanço da "nova fronteira agrícola" (Corrêa, 2018) na região oeste da Bahia, e a vinda do 4º Batalhão de Engenharia de Construção (4º BEC) em 1972 que repercute em:

Modificações do sistema de transporte pela implantação de rodovias interestaduais (BR-020/242, Salvador/Brasília; BR-020/135, Brasília/ Fortaleza) que rompe o isolamento regional, favorecendo o surgimento de fatores de mudança (PLANO DIRETOR URBANO - PDU, 1989, p.26)

Ao passo que a cidade se estabelece como núcleo de atração de migrantes, novos padrões simbólicos e urbanísticos são requisitados. O modo de vida dos barreirenses e as antigas dinâmicas econômicas e rurais passam a ser difundidas como antiquadas e ultrapassadas. Haja vista o crescimento

populacional em uma cidade de "novas oportunidades" que até o ano de 1987, não tinha um Plano Urbanístico e que começava a ver loteamentos como a Morada da Lua, nascer em zonas rurais sem recursos como água encanada, pavimentação asfáltica e rede elétrica - ideais urbanos já vistos, por exemplo, nas cidades que Barreiras passava a estar conectada a partir da implantação das rodovias supracitadas -. Encontro matérias de 1991 que "denunciam"

Se de um lado Barreiras se consolidava como a “Capital da Soja”, por outro, surgiam críticas que a apontava como “Capital da Sujeira”. A atenção dos meios midiáticos fortaleceu essa relação e contribuiu para sua amplificação. Do mesmo modo, diversas matérias veiculadas na década de 1990 retrataram esse imaginário. A perspectiva dos moradores do bairro também reflete esse panorama, especialmente ao relatar suas experiências iniciais no loteamento:

Olha na verdade, nós chegamos aqui quando esse bairro começou a ser vendido os lotes. Eu morava de aluguel lá na Barreirinha, inclusive. Aos poucos fui construindo, antes de terminar eu já estava aqui dentro para sair do aluguel (CARLOS QUIRINO, 2024)

A Morada da Lua a gente chegou aqui era uma roça, podia contar os moradores que tinha aqui entendeu?

Aí foi desenvolvendo. Eu moro aqui desde 1988, vim de Angical. Aí mudamos para cá e a gente fez uma casinha de taipa e pulamos para dentro. Fui criar os filhos e trabalhar. Trabalhava de costureira, até hoje trabalho de costureira. Marido carpinteiro. E aí foi, criei os filhos tudinho aqui, estudaram, um já tá formado, graças a Deus (ANGELITA DOS SANTOS, 2024)

Uma das coisas que às vezes muitas pessoas não sabem, mas foi o loteamento aqui que deu oportunidade para o pobre possuir um lote foi o João de Germano, que era no Carnezinho sem acréscimo. Então todo mundo pôde comprar e veio para aqui (JOSÉ SILVA, 2024)

Nessas perspectivas, o loteamento Morada da Lua representava a possibilidade de acesso à terra para as camadas populares, fosse ele barreirense ou migrante de outras cidades da região. A busca por moradia intensificou-se em um contexto de “explosão do progresso” no qual se difundiam discursos que enfatizavam uma “transformação

total nos hábitos e costumes da cidade, na urbanização, saúde e educação¹⁷ e com isso, um movimento de atração ao novo padrão de cidade.

A pressão pela “transformação” mencionada se intensifica nas publicações jornalísticas das décadas de 1980 e 1990, muitas das quais, destacam a Morada da Lua como um novo loteamento que emerge em meio ao processo associado à dinâmica do “desenvolvimento”¹⁸ na cidade, mas que ainda não se encaixava nos termos desse discurso.



Fonte- Jornal Novoeste de 29 de janeiro de 1992, Ano I, N° 28, pág. 07, com edição e adaptação da autora (2024/2025).

¹⁷“Capital da Soja e da Esperança”. Folha de Barreiras - O Jornal do São Francisco de 23 a 25 de maio de 1988, Ano V, N° 53, pág. 03. Disponível em formato físico no Núcleo

de Memória da Universidade Federal do Oeste da Bahia -UFOB.

¹⁸O termo “desenvolvimento” aparece no trabalho com a mesma conotação e como sinônimo de “progresso”.

Na periferia da cidade vive um povo cujo estado e condições de sobrevivência são lastimáveis. São homens, mulheres e meninos fracos carcomidos pela fome, pelo frio, pela dor, angústia, injustiça social.

O país cresce, a cidade cresce, aí estão a agricultura e comércio se expandindo a olhos vistos. Mas e o homem? Perguntamos: e o homem? não seria justo que esse progresso fosse em benefício dele que é - em última análise quem constrói esse processo?! Que futuro se planta sem justas condições de vida, sem urbanização, sem salário justo, sem casa, sem comida, sem voz, nem vez, afinal "gente é pra brilhar, não para morrer de fome" já dizia o poeta Caetano Veloso.

A FOLHA DE BARREIRAS com seu olho clínico vai a todos esses lugares, pesquisa, interroga, levanta questões, colhe dados, fatos e traz a luz esses acontecimentos apenas com o intuito de ajudar, de colaborar e de, obviamente, também participar do processo de desenvolvimento desta cidade.

Nesta edição você terá um apanhado geral da vida na Vila Papelão e do loteamento Morada da Lua, um novo bairro que começa a surgir já com os problemas da falta de infraestrutura ("Vila Papelão e Morada da Lua" Folha de Barreiras - O Jornal do São Francisco de 29 de janeiro de 1992, Ano I, Nº 28, pág. 07.

Disponível em formato físico no Núcleo de Memória da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB)

Folha de Barreiras
O JORNAL DO SÃO FRANCISCO

ANO II - Nº 53 BARREIRAS CAPITAL DA BAHA 08 DE 23 08 88 - CRÉDULO

REUS SÃO CONDENADOS POR SEQUESTRO E ASSASSINATO DE ANCIÃO

COMARCA REALIZA O MAIS LONGO JÚRI DE SUA HISTÓRIA

De 11 de maio de 1988, nas proximidades do Centro de Abastecimento de Barreiras, o cidadão José Laurêncio Vilaca, 68 anos, foi sequestrado e assassinado barbaramente na margem da rodovia Barreiras-Itapicuru.

Os assassinos, Rubens Moraes Barbosa e Joazeiro Marques Freitas, foram condenados, logo após se apresentarem à Polícia, que, um deles, Rubens Moraes Barbosa, estava sendo acusado de morte pela família de José Laurêncio Vilaca.

Passados 1 ano e 2 meses após o crime, o Ministério Público da Comarca de Barreiras, nesta sessão que durou 18 horas, com o juiz julgador de sua autoria, decidiu que os dois pagassem a pena de 14 e 8 anos, respectivamente.

NOTA AO LEITOR
Folha de Barreiras, neste dia, apresenta aos leitores um artigo de opinião, assinado por Rubens Moraes Barbosa, sobre o caso de sequestro e assassinato de José Laurêncio Vilaca. Este artigo é uma homenagem ao autor, que faleceu em 1988, vítima de um acidente de trânsito. O artigo foi publicado em 08 de maio de 1988, na edição de 08 de maio de 1988.

Vila Papelão e Morada da Lua: Bruma, doerem e negligência

Na periferia de Barreiras, há dois bairros que vivem em condições precárias. São Vila Papelão e Morada da Lua. Há poucos meses, a Prefeitura Municipal de Barreiras realizou uma visita técnica a estes dois bairros. O objetivo era avaliar as condições de saneamento básico e a situação das habitações. O relatório concluiu que a situação é precária e que é necessário que o poder público tome providências para melhorar as condições de vida dos moradores.

Assim caminha o Oeste

O Oeste baiano, hoje, vive um momento de grande transformação. Há um crescimento econômico e social que tem atraído a atenção de todos. O Oeste está se tornando uma região promissora e cheia de oportunidades.

Loja Macônica funda Apae de Barreiras

A Loja Macônica de Barreiras, fundada em 1985, acaba de fundar a Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) de Barreiras. Esta iniciativa visa proporcionar atendimento especializado para crianças e adolescentes com deficiência física, mental e sensorial.

Kaiser, força total em Barreiras

O grupo Kaiser, conhecido por sua qualidade e variedade de produtos, agora está presente em Barreiras. A loja Kaiser oferece uma ampla gama de produtos, incluindo alimentos, bebidas e produtos de higiene pessoal.

Caís perde seu romantismo

O rio Caís, que outrora era conhecido por sua beleza e romantismo, hoje sofre com a poluição e a falta de saneamento básico. A Prefeitura Municipal de Barreiras está trabalhando para melhorar a qualidade do rio e preservar sua beleza natural.

Bebe Kaiser

Bebe Kaiser é uma marca de água mineral que oferece frescor e saúde. Disponível em diversas variedades, é a escolha perfeita para quem busca qualidade e sabor.

AINDA NESTA EDIÇÃO
Fotado Geráldez, meu grande obra para meu grande cidade. Pág. 05
Sinalização
Mais escaramento para Barreiras. Pág. 7
Roberto de Nova entrevista Tundo, Laker do Quinteto. Violado. Pág. 05

Fonte- Folha de Barreiras - O Jornal do São Francisco de 23 a 25 de maio de 1988, Ano V, Nº 53, pág. 03, com edição e adaptação da autora (2024/2025).

Chama atenção a forma como o **lugar** é representado e comparado. A Morada da Lua emerge como um loteamento articulado entre esferas pública e privada, já a Vila Papelão - hoje conhecida como Xurupita - tem seus moradores representados como aqueles que "reclamavam de falta de assistência, precariedade e enfrentavam a prefeitura para ter a posse da terra" sendo parte da "emergência da favelização na cidade" (Corrêa, Reis e Lima, 2021, pág.14).

Além disso, observamos referências a esses dois **lugares**¹⁹, com tendência de inserção da Morada da Lua no

¹⁹Hoje os moradores da Xurupita ainda lutam por posse de terras, enquanto o Bairro Morada da Lua passa por um processo de especulação imobiliária e o preço da moradia aumenta.

"processo de desenvolvimento" da cidade, também presentes no Plano Diretor Urbano (PDU) de 1989 cuja elaboração teve início em 1987, cinco anos após a emergência do loteamento. Mesmo com o curto tempo a Morada da Lua já é classificada, nesse Plano, como "Zona Residencial Consolidada (RC-2)" na seção de "Zoneamento e Tipologia de Ocupação" sendo sua localização sempre referenciada "entre as faixas Centro Urbano AS-1 e Chapada, saída para São Desidério e Catolândia". A mesma menção é identificada no alvará de aprovação²⁰ do loteamento, que o situava "às margens da Rodovia Barreiras/ Catolândia". O

²⁰Alvará de Licença N° 033 de 17 de março de 1998. Anexo ao Decreto N° 152/1998. Disponível em formato físico na secretaria de infraestrutura da cidade de Barreiras.

destaque recorrente às rodovias como referência imediata de zonas da cidade se conecta aos planejamentos e concorre com os mecanismos de enraizamento do "progresso" em curso, evidenciando a sobreposição dos elementos de estruturação urbana desse modelo, que nesse caso, atravessa o bairro Morada da Lua.

Ainda no PDU de 1989, destaca-se uma seção específica com proposições voltadas ao sistema viário da cidade, especialmente às "vias com função estruturadora do tráfego urbano e alternativa ao tráfego que hoje utiliza a BR-242" sendo uma delas a BA-455 - Avenida Ruy Barbosa -. Nesse momento, estabeleceu-se que políticas públicas voltadas à pavimentação

asfáltica, regularização da largura, sinalização horizontal, vertical e drenagem deveriam ser implementadas até o ano de 1990 - evidenciando a intenção de (re)estruturação espacial que se desdobraria em mudanças significativas no processo de urbanização e consolidação do bairro.

[2.1] LAMENTO: JUAZEIRO

Em 1982, a Morada da Lua emerge como **espaço** e em pouco tempo começa a atrair empresários, trabalhadores e trabalhadoras pelas condições favoráveis de compra dos lotes. Com a chegada desses moradores e serviços, as apropriações passam a acontecer. As relações entre as pessoas e o ambiente urbano transformam esse **espaço** em **lugar** praticado e apropriado. O bairro emerge, e com ele as organizações sociais, culturais, religiosas e simbólicas.

Na supracitada poesia de “Despedida do pé de juá” (Quirino, 2023, p.77-79) vejo a expressão dessas apropriações e do estabelecimento do bairro. Nele são descritas as sociabilidades próprias ao

bairro por meio das práticas e “sons” cotidianos da Morada da Lua que aconteciam do elemento inicialmente natural, posteriormente naturalizado pelos moradores, ainda na década de 1990. Manifestações religiosas, expressões culturais, os “sons” da natureza e das crianças brincando. O burburinho das pessoas reunidas para as reuniões da associação do bairro.

Era rodoviária e era um ponto de referência do bairro:

- Espera no Pé de Juá
Tinha muito Pé de Juá, mas parece que só tinha aquele
(JOSÉ SILVA, 2024)

Ouvia-se em torno dele os “sons” dos “sentimentos cochichados” dos “encontros e desencontros amorosos”. Dos animais “ofegantes refazendo suas forças para continuarem viagem a Catolândia”. Os “sons”

da "procissão de velhas senhoras que debulhavam sua fé em orações de lamentação" onde "a escuridão da noite era cortada por cambaleantes luzes de velas pelos secos sons das matracas" que faziam do "Pé de Juá" uma das suas estações. Ouvia-se os "sons" de "comícios inflamados passeatas reivindicações do povo sofrido da Morada da Lua" que reunidos, faziam do "Pé de Juá" um símbolo, também, da pressão popular em busca de melhorias ao bairro.

Melhorias essas que custaria a "própria vida" e acarretariam a derrubada da árvore: "simplesmente porque

aqui onde estou atrapalho o trânsito entravo o progresso".

Diante de sua derrubada, e do decorrente silenciamento dos muitos "sons" que compunham o cotidiano do bairro, a árvore se despede "feliz realizada e conformada", pois cede seu **lugar** ao "progresso" simbolizado pela chegada do asfalto. Ela só pede que a guarde, para sempre, na "memória e nos álbuns de família" pois as "vozes dos passantes dos beijos dos amantes dos sentimentos cochichados levarei para sempre no silêncio profundo de minhas raízes" (QUIRINO, 2023, p. 77-79).

Cartografia 03- O conjunto das duas imagens buscam cartografar as sociabilidades e a mudança espacial retratadas no texto "Despedida do Pé de Juá". O contorno laranja destaca a árvore, a projeção de suas sombras e os "homens e máquinas" em torno dela. Ao fundo, o destaque em amarelo para melhor orientação espacial do antes e o depois imediato após a derrubada.



Fonte- Imagens capturadas do vídeo: "Uma linda história do Pé de Juá da Morada da Lua Barreiras/Ba". Facebook, 2020, com edição e adaptação da autora (2024/2025).

Um **lugar** inicialmente disciplinado, agora se estabelece por meio de apropriações e representações que não apenas consolidam o bairro Morada da Lua, mas também materializam seu **território** e **fronteiras** a partir de uma cartografia social própria.

Com a derrubada do "Pé de Juá" as sonoridades e as dinâmicas se modificam, alterando a vivência cotidiana em torno da árvore que já não existe. A "vida de juazeiro" descrita no texto, não será mais a mesma. Ainda assim, a lamentação e o saudosismo enraizados ao imaginário coletivo e representações - não apenas às práticas que ocorriam ao redor da árvore, mas também das características

territoriais próprias ao bairro - repercutem na memória e na construção histórica do **lugar**.

Em conversa com o autor do texto e morador do bairro, Carlos Quirino narra a relação entre a árvore e as dinâmicas de alteração espacial:

O asfalto era um benefício, entendeu? Querendo ou não, era um benefício e a gente precisava do asfalto. A gente sabe da importância da árvore, mas não podia brigar por causa de um "Pé de Juá" quando ele estava no lugar realmente:
- Ah, mas o prefeito podia ter desviado
Mas é complicado.
Então o "Pé de Juá" foi mais um sentimento de perda. Inclusive eu fiquei muito sentido quando vi os caras cortando (CARLOS QUIRINO, 2024)

A contraposição entre o urbano e o natural manifesta-se na substituição dos "sons" em torno do "Pé de Juá" pelo ruído dos carros que agora transitam pela avenida asfaltada, fruto de uma estrutura urbana planejada

para atender ao modelo de “desenvolvimento” projetado para a cidade. O conflito se estabelece na tensão entre “antiquado” e o “moderno”, onde o primeiro cede **lugar** ao segundo, delineando o processo de consolidação do bairro desde a mudança de área rural para loteamento, seu avanço à Serra do Mimo e seus desdobramentos nas décadas seguintes, se alinhando ao imaginário de “progresso” e ao estabelecimento de **fronteiras** simbólicas do bairro.

Em 1991 essas relações ganham destaque em veículos de comunicação da cidade, onde vê-se movimento dos moradores articulado pela sua associação criada, segundo Angelita (2024),

para reivindicar os direitos da população do bairro.

Os moradores do Bairro Morada da Lua, um dos mais carentes de Barreiras, reuniram-se por sua associação comunitária, reivindicaram das autoridades mais atenção para saírem da condição sub-humana que vivem.

Nessa reunião, onde estiveram presentes o deputado Saulo Pedrosa, o prefeito em exercício, Dario Landulfo Novais, o presidente das Associações de Bairro, e o presidente da AMINA foi elaborada uma carta com as principais reivindicações do bairro: água, luz, urbanização, transporte, segurança, comunicação, saúde e educação.

O bairro, populoso e necessitado, desde que surgiu em 1980, nunca teve a devida atenção das autoridades. As atuais 600 famílias que nele moram, só dispõem de 1 escola, não tem água, nem luz, e fica distante, dificultando com isso o acesso das crianças às escolas da cidade (“Painel Local: Morada da Lua”. Jornal Nova Fronteira de 26 de outubro de 1991, Ano II, N° 46, pág. 4. Disponível em formato físico no Núcleo de Memória da Universidade Federal do Oeste da Bahia -UFOB)



Fonte- Jornal Nova Fronteira de 26 de outubro de 1991, Ano II, Nº 46, pág. 4, com edição e adaptação da autora (2024/2025).

²¹"Várias e Diversas". Folha do Povo, de 21 de junho de 1991. Ano IV, Nº 163, pág. 3. Disponível em formato físico no Núcleo de

Em meados da década de 1990, nota-se essa mobilização popular, política e de outras camadas da sociedade na perspectiva de "melhoria" ao bairro. No cotidiano, vê-se um cenário de disputas urbanas, como as debatidas na Sessão da Câmara Municipal de 18/06/1991, encontrada na matéria "Várias e Diversas" no Jornal Folha do Povo²¹ que relata o assunto com maior relevância na sessão: "a Embasa e seus problemas". Citando a Morada da Lua: "onde muitos moradores andam quarteirões para conseguir uma lata de água" e mais a frente, denuncia a situação onde carroceiros "pegam água da caixa

Memória da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB.

Cartografia 04- Destaque, em vermelho, da Fábrica do Germano. Em amarelo, a caixa d'água da fábrica e, em rosa, a avenida Ruy Barbosa.



Fonte- Imagem capturada do Google Earth com edição e adaptação da autora (2024/2025).

Outro importante articulador das relações centralizadoras à essa Avenida foi o Mercado Confiança, aberto no início da década de 1990. O dono, Carlos Quirino, relata em interlocução sobre os serviços ofertados e das propagandas de seu estabelecimento, que fazia nas rádios, tomando como referência o "Pé de Juá" e a Ruy Barbosa:

Era um minimercado, a gente foi pioneiro. Chegou a vender material de construção, funcionou como um ponto do Correio. Tinha um ponto de ônibus lá, orelhão ali do lado.

Então antes de abrir o povo já estava batendo na porta para a gente vender, porque tinha que sair daqui para ir buscar lá na rua. Tinha necessidade demais.

As propagandas que eu fazia do comércio era "Comercial Confiança, ao lado do Pé de Juá, na saída para a Catolândia" (CARLOS QUIRINO, 2024)

Cartografia 5- Destaque, em vermelho, do Comercial Confiança e do "Pé de Juá", com contorno laranja.



Fonte- Imagem capturadas do vídeo: "Uma linda história do Pé de Juá da Morada da Lua Barreiras/Ba". Facebook, 2020, com

A "saída para Catolândia" é novamente tomada como referência, agora, no acervo popular onde se articulam memórias e dinâmicas. Essa referência também aparece na

poesia "Bairro Morada da Lua"²² também de Carlos Quirino:

temos uma clara lua
que surge reluzente nua
por trás de uma bela serra

uma linda avenida
majestosa em seu tapete negro
ostentando luminárias gigantes
que fazem escuro da noite virar
dia

temos personagens históricos
cômicos folclóricos

algazarra das crianças sede dos
adultos estudantes

porém nem tudo no bairro é
festa
carecemos de saúde segurança
praças

nem tudo é pagode e dança
arde em nós
o fogo chama da esperança
(Fragmento do texto "Bairro
Morada da Lua", QUIRINO, 2023,
p.103)

O texto evidencia relações do cotidiano urbano enquanto expressa a expectativa por "melhorias" ao bairro. Uma

²²QUIRINO, Carlos Abdon. "Bairro Morada da Lua". In: Fino Espelho - Abstrações Poéticas. 2023. pág. 103.

narrativa do cotidiano, que contrapõe à imagem de uma avenida asfaltada e iluminada, onde essas “transformações” ainda não haviam sido concretizadas. Esse contraste reforça o poder simbólico discutido no capítulo anterior, à medida que a infraestrutura urbana se consolida como um imaginário de “progresso” desejado e reivindicado pela comunidade.

Anos de pressão popular, atenção midiática e atuação de interesses públicos e privados, reverberam na volta do modelo - implantado inicialmente no aparecimento do loteamento - com

destaque para 1995, considerado “Ano de múltiplas realizações”, segundo a manchete de edição especial do Jornal Novoeste, que abordou as obras realizadas “em toda a cidade tendo à frente o prefeito Saulo Pedrosa”²³. A Morada da Lua é mencionada como um dos bairros “beneficiados” por obras “emergenciais”, recebendo também uma “grande escola”. Em outra edição especial do mesmo ano, também do jornal Novoeste, encontro uma foto da pavimentação asfáltica recém-concluída na Ruy Barbosa com a legenda: “Quem conhecia a Morada da Lua antes desse serviço, não reconhece mais”²⁴.

²³“Barreiras/95: ano de múltiplas realizações”. Jornal Novoeste de 06 de janeiro de 1996. Ano I, N°35, pág. 6 e 7. Disponível em formato físico no Núcleo de Memória da Universidade Federal do Oeste da Bahia -UFOB.

²⁴“Obras transformam Barreiras”. Jornal Novoeste de 26 julho de 1995. Ano I, N° 21, pág. 3. Disponível em formato físico no Núcleo de Memória da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB.

Cartografia 3- Destaque em rosa da Avenida Ruy Babosa asfaltada, em amarelo os postes de iluminação pública e em vermelho a Usina do Germano. Um cenário urbano que contrasta com o natural do entorno que mostra outras espacialidades do bairro.



Fonte: Jornal Novoeste de 06 de janeiro 1996, Ano I, Nº 35, pág. 6 e 7 - acervo Núcleo de Memória da Universidade Federal do Oeste da Bahia -UFOB, com edição e adaptação da autora (2024/2025).

A imagem realça o asfalto e evidencia a consolidação do modelo urbano almejado para a Morada da Lua que, apesar da consequente mudança de sua imagem ao ponto de o “ninguém reconhecer” devido a tecnologias implantadas, estas também concorrem para o (re)estabelecimento de suas fronteiras, correlacionadas aos

processos de consolidação das sociabilidades, das reivindicações, das disputas e conflitos em busca de melhorias para o bairro, que seu território se consolida - Chamamos atenção para o fato de que as concepções de melhoria são definidas historicamente pelos grupos em disputas, neste caso, a comunidade do bairro

convergiu com ideais de "progresso", o asfalto, energia elétrica, água encanada, a avenida Ruy Barbosa etc -.

Uma demonstração desse processo que reverbera na história do **lugar** é o imaginário e percepção do contorno **territorial** construída pelos moradores - incluindo aqueles que, como eu, chegaram mais recentemente - o qual passa a ser associado ao canteiro central da avenida, situado próximo ao antigo "Pé de Juá", elemento natural que contribuiu na demarcação do bairro. Agora, esse limite é (re)estabelecido por um componente urbano, simbolizando as transformações espaciais e sociais vivenciadas na Morada da Lua.

O conjunto de ações e representações que consolidam as **territorialidades** e as **fronteiras** espaciais e simbólicas da Morada da Lua, se somam também às demarcações étnico-raciais:

Eles tratam bem a gente, mas têm uma vida muito diferente, é só ver a casa de um gaúcho e a de um baiano. Tu chega (*sic*) no gaúcho tá tudo limpo, arrumadinho; na do baiano chega tem cachorro, sujeira e coisa (adolescente, moradora do "bairro dos Gaúchos" em Barreiras, HAESBAERT, 1997, p.154)

O "bairro dos Gaúchos" é a Vila Regina, que aparece no Plano Diretor Urbano (PDU) 1989, como bairro que emerge em 1977 - antes mesmo da Morada da Lua, com o qual faz **fronteira** imediata -. O relato da moradora do "bairro dos gaúchos" faz parte de uma dinâmica de segregação cultural e racial,

alinhada com o momento histórico de “avanço” da região, atrelado ao protagonismo de “desbravadores do cerrado” (Barreiras em foco *apud* Corrêa, 2018) e a decorrente inferiorização dos costumes locais. Esse poder simbólico constitui, portanto, mais um fator de demarcação e estabelecimento da **fronteira** que demarca essas **territorialidades** “distintas”.

Então, o Pé de Juá era uma referência, e era onde eu ficava bem na frente do meu mercado. Eu penso que o confiança ali, aquela rua que atravessa, seria o divisor do bairro. Para lá a Vila Regina, para cá Morada da Lua de Baixo e de Cima (CARLOS QUIRINO, 2024)

Além da **fronteira** imediata e étnico-racial como demarcadora

²⁵Por fazer parte da mobilização pela chegada de água encanada na região do bairro à direita da Ruy Barbosa,

da **territorialidade** dos dois bairros, a Morada da Lua se fragmenta em dois **territórios**, : a “Morada da Lua de Cima” e “Morada da Lua de Baixo”, flexionados espacialmente a partir do referencial “Pé de Juá” e da Avenida Ruy Barbosa - elementos significativos no processo de estabelecimento, organização dessa e de outras fragmentações e na consolidação do **lugar**, pois representam o conflito entre o “antigo” versus “moderno” e as mobilizações, de dinâmicas espaciais e simbólicas em torno das concepções do “progresso” -.

José Silva (2024), conhecido como “buscador da água”²⁵ (Angelita Santos, 2024)

referenciada por esse mesmo grupo, por “Morada da Lua de Cima”.

ao explicar o processo de chegada de água encanada no bairro, menciona que na época a ligação já havia sido feita na "parte de baixo". Segundo ele, na ocasião em que os moradores se reuniram para cobrar do poder público, um deles asseverou: "É, nós vamos lá na Embasa para nós resolver esse problema, ou então nós quebra a parte de baixo, nem aqui, nem lá".

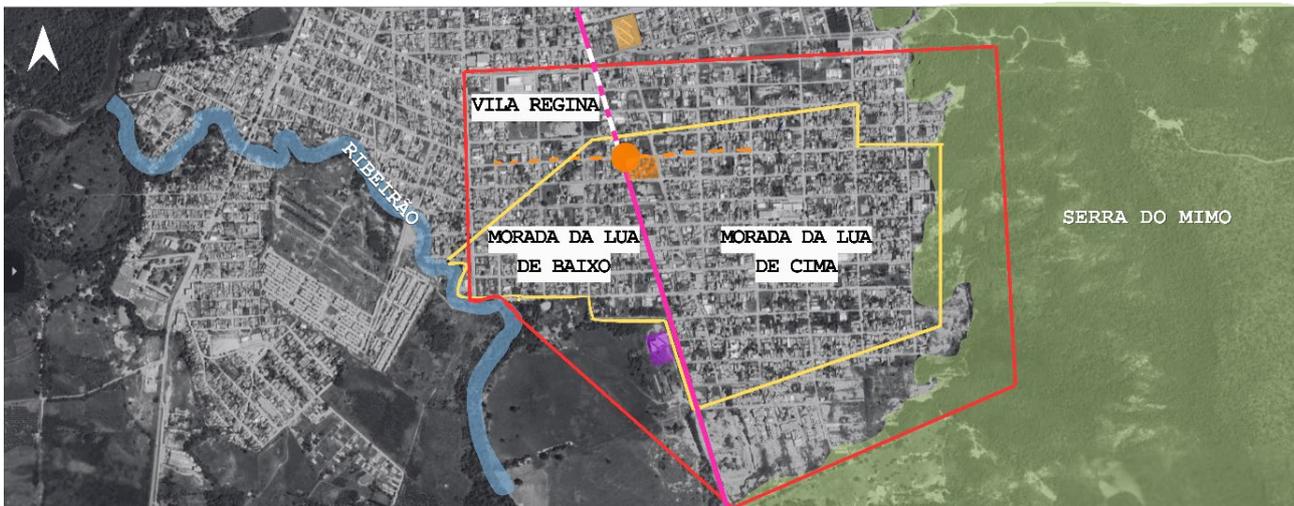
A fala evidencia a separação espacial e social entre a "Morada da Lua de Cima" e "Morada da Lua de Baixo", dimensões que refletem o processo de delimitação do próprio bairro, marcado por disputas internas, segregação social e conflitos em torno dos discursos de "desenvolvimento".

A avenida, por exemplo, com sua infraestrutura distinta em relação a outras **espacialidades** do bairro, tornou-se elemento que reforçou essa fragmentação **territorial** e social.

Aqui, o processo inicial se inverte: se primeiramente a organização foi ditada de forma externa, agora as sociabilidades internas consolidam organizações conhecidas e reconhecidas por diversas camadas da sociedade, inclusive, no âmbito legislativo. Um exemplo disso, é a Lei N° 1.406 de 20 de novembro de 2019, que "Denomina Celso Barbosa a escola em construção localizada no Bairro Morada da Lua de Cima" (BARREIRAS, 2019). Mesmo não sendo oficializada em Leis

Municipais, o reconhecimento desta fragmentação por parte do poder público reforça a análise dessa pesquisa: como as práticas, simbolismos e imaginários produzem e concorrem nas organizações urbanas sendo elas ou não, coincidentes com as delimitações definidas nos documentos públicos.

Cartografia 6- Sobreposição dos elementos, conflitos e imaginários discutidos ao longo do texto que reverberam na consolidação dos territórios, fronteiras espaciais materiais, simbólicas e ético-raciais de contorno e fragmentação do bairro.



Fonte- Imagem capturada do Google Earth com edição e adaptação autora (2024/2025).

Legenda

- | | | | |
|---|--|---|--|
|  | DELIMITAÇÃO BAIRRO MORADA DA LUA (PDU, 1990-2004) |  | ANTIGA "FÁBRICA DO GERMANO" |
|  | DELIMITAÇÃO BAIRRO MORADA DA LUA (PDU, 2019-ATUAL) |  | SUBESTAÇÃO DA COELBA / ACESSO A ÁGUA |
|  | TRECHO AV. RUY BARBOSA |  | RIBEIRÃO |
|  | CANTEIRO |  | SERRA DO MIMO |
|  | ANTIGO "PÉ DE JUÁ" |  | "AQUELA RUA QUE ATRAVESSA" - RUA MARCOS FREIRE |
|  | ANTIGO MERCADO CONFIANÇA / ORELHÃO/PONTO DE ÔNIBUS | | |

Os **lugares** destacados na cartografia 6, mostram as **fronteiras** de delimitação **territorial**, as ações supracitadas no urbano e sistematizadas na poesia do “Pé de Juá”.

Junto à cartografia 7 - capa -, apresenta-se um conjunto representativo das **fronteiras**, **territorialidades** e fragmentação do bairro, mobilizados aqui principalmente a partir da história de seu processo de constituição, organização e consolidação, marcado pelos conflitos entre o “antiquado” e o “moderno” do modelo de “progresso”.

Cartografia 7: A imagem de capa destaca o “Pé de Juá”, a presença da máquina e a fragmentação do bairro, representada por contornos laranja contínuos. As fronteiras espaciais, simbólicas e étnico-raciais são demarcadas por tracejados laranja.



Fonte: Imagens capturadas do vídeo: “Uma linda história do Pé de Juá da Morada da Lua Barreiras/Ba”. Facebook, 2020, com edição e adaptação da autora (2024/2025).

Mostram um **espaço** em movimento que, em 2019, manifesta sua consolidação alinhado à esse modelo urbano planejado e reivindicado desde a década de 1980. Para além da

materialização desse modelo, persistem imaginários e condutas urbanas que mesmo diante de mudanças e do silenciamento dos “sons” e práticas - como aquelas em torno do “Pé de Juá” e de tantos outros **lugares** não mais praticados da mesma forma - repercutem nas representações e imaginários dos consumidores da cidade e que com esse trabalho, busquei registrar e dar visibilidade a essas experiências, de modo a preservar narrativas e fatos de construção e ressignificação da Morada da Lua.

[3] CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho percorreu o caminho da sistematização de uma análise da História do bairro Morada da Lua através dos conflitos urbanos entre ordens políticas e sociais. A proposta não foi dar conta do, atualmente, inacessível conjunto de todos os elementos de sua constituição. Mas demonstrar, através de conjunto amplo do que pudemos identificar, como grupos subalternizados - trabalhadores, trabalhadoras moradores e moradoras do bairro através de suas vivências, representações e protagonismos em relação a instituições, grupos dominantes - foram indispensáveis na formação do **território** e em seus limites espaciais materiais, simbólicos

e étnico-raciais de constituição e reprodução de **fronteiras**.

Sua emergência como **espaço** foi inicialmente estabelecida de forma externa, a partir de disciplinamento, traçado, loteamento, articulado entre setores público e privado, em um processo que convergia com as ideias de "progresso" amplamente difundidas na cidade de Barreiras. Com a ocupação, o bairro se estabeleceu como **lugar**, onde as condutas e ações produziram cartografias sociais próprias, apropriando-se das disciplinas praticadas institucionalmente, as resignificando.

Diversos **lugares** deram materialidade a essas cartografias, destaque principalmente as dinâmicas em

volta do "Pé de Juá", tomando-o como um marco não só das sociabilidades do bairro, mas também como um elemento inicialmente natural, posteriormente naturalizado, que marcou a contraposição entre o "antigo" versus o "moderno", do modelo de "progresso" que os moradores passaram a compactuar e apropriar logo nos primeiros anos do **lugar**, reivindicando a necessidade dessas ordens para o bairro. Renuncia-se, portanto, às práticas em volta do elemento que marcou o processo de ocupação e, em 1995, no governo de Saulo Pedrosa, vê-se o início da consolidação desse modelo reivindicado na Morada da Lua que "ninguém reconhece". Esse processo balizou o (re)estabelecimento de seu

território, e das **fronteiras**, espaciais e simbólicas.

Mesmo assim, as sociabilidades não desaparecem, mas produzem novos contornos urbanos atribuídos pelos próprios moradores, como a fragmentação "Morada da Lua de Cima" e "Morada da Lua de Baixo": organizações populares que produziram **fronteiras** e **territórios** distintos e internos ao bairro, reconhecidas pelo poder público municipal da cidade, quando citada na Lei N° 1.406, de 20 de novembro de 2019 que denomina a nova escola do bairro, como parte do plano de ação do governo Zito Barbosa - no qual vê-se, agora, a consolidação do modelo de "progresso" - apontando as relações entre moradores, poder

público e outros tantos elementos, grupos e sujeitos que concorreram para definições **territoriais** e de **territorialidade**, numa dinâmica onde dominantes e dominados convergiam, divergiam, se influenciavam de maneiras assimétricas e consolidavam as cartografias da cidade.

[5] REFERÊNCIAS

BARREIRAS. **Plano Diretor Urbano de Barreiras**. 1989/2005. Salvador-CPE: 1989. 2 Vol.

BARREIRAS. **Plano Diretor Urbano de Barreiras**. 2004/2020. Salvador-SEDUR: 2004. Relatório de Síntese.

BARREIRAS. **Plano Diretor Urbano de Barreiras**. 2020. Prefeitura Municipal: 2020.

BARREIRAS, Lei N° 1.406, de 20 de novembro de 2019. Diário Oficial do Município de Barreiras, BA, ano 13, Ed. 3096, p.5, 13 de dezembro de 2019.

BARREIRAS, Prefeitura Municipal. Lei N°035/1982, de 01 de novembro de 1982. Secretaria de Infraestrutura.

BARREIRAS, Prefeitura Municipal. Lei N° 152, de 17 de março de 1998. Secretaria de Infraestrutura.

BECHLER, Janaína. Deriva parada. **Redobra**, Salvador, p. 56-63, 2012. Semestral. Disponível em:
http://www.redobra.ufba.br/?page_id=54. Acesso em: 10 jun. 2022.

BIASE, Alessia de. Insistência Urbana: ou como ir ao encontro dos imponderáveis da vida autêntica. **Redobra**, Salvador, p. 80-86, 2013. Semestral. Disponível em:
http://www.redobra.ufba.br/?page_id=157. Acesso em: 10 jun. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Volume 1: Artes de fazer**. 2ª edição. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 102.

CORRÊA, Diego Carvalho. **UMA CIVILIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E OS DESBRAVADORES DE UMA REGIÃO: EMERGÊNCIA E REMINISCÊNCIAS DE NARRATIVAS HISTÓRICAS COLONIALISTAS E OS RASTROS DA REINVENÇÃO DO OESTE DA BAHIA, EM BARREIRAS, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**. Revista do Coletivo SECONBA, v. 2, p. 3-16, 2018.

CORRÊA, Diego Carvalho.; MORAIS, Igor de Lima. **O CAIS PERDEU O SEU ROMANTISMO? A EMERGÊNCIA DE REPRESENTAÇÕES DO CAIS DE BARREIRAS-BA COMO CENTRO HISTÓRICO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**. In:

Seminários Urbanismo na Bahia: urbanismos: ensino, prática, aprendizagem, 2019, Salvador. Anais urbBA [19]. Salvador: EDUFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia, 2019. v. 1. p. 274-284.

CORRÊA, Diego Carvalho; REIS, Andressa Sousa; MORAES, Igor de Lima. **DIANTE DA FRONTEIRA, A CIDADE BARREIRAS NAS MARGENS O SENTIDO DA BIOPOLÍTICA E O NECROPODER (1988-1993)**. In: XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2021, Salvador. S471a Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (16.: 2021: Salvador, BA) Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 15-18 junho 2021. - Salvador: UFBA, 2021, 2021. p. 1582- 1599.

COSTA, Samira Lima da; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. **Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p. 60-72, 2014. Semestral. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672009000100007&script=sci_arttext&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 10 abr. 2024.

GUMES, Áurea Gabriela Moura. **Navegar: os interiores urbanos**. 2022. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Barreiras, 2022.

HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Lamparina, 3ª edição, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades**. 2024. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

LUCKESI, Cipriano; BARRETO, Elói; COSMA, José; BAPTISTA, Naidison. **Fazer Universidade: Uma Proposta Metodológica**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2012

MARICATO, Ermínia. et al. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINS, Nilza da Silva. **MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E A EXPANSÃO DA ESCOLARIZAÇÃO EM BARREIRAS - BAHIA**. 2016. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. "**Canções da cidade amanhecendo**": urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. 2011. 261 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PAMPLONA, Luiz Gonzaga. **Barreiras, Bê-A, ... da Barra pra cá!** Brasília, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2002.

QUIRINO, Carlos Abdon. **Bairro Morada da Lua**. In: QUIRINO, Carlos Abdon. *Fino Espelho: abstrações poéticas*. São Paulo: Editora Independente, 2023.

QUIRINO, Carlos Abdon. **Minha terra tem Juazeiros: Despedida do pé de juá do bairro morada da lua (in memoriam)**. In: QUIRINO, Carlos Abdon. *Fino Espelho: abstrações poéticas*. São Paulo: Editora Independente, 2023.

QUIRINO, Carlos Abdon. **Uma linda história do Pé de Juá da Morada da Lua Barreiras/Ba**. Facebook, 2020. Facebook: Bairro Vila Rica. Disponível em:
<https://www.facebook.com/watch/?mibextid=w8EBqM&v=304723244052721>. Acesso em: 11 mar. 2024.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. **Redobra**, Salvador, p. 25-35, 2013. Semestral. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/?page_id=157. Acesso em: 02 dez. 2024.

SANTOS, Iann Dellano da Silva. **O PAPEL DAS LOCALIDADES CENTRAIS NA REDE URBANA DO OESTE BAIANO: do declínio de barra à ascensão de**

barreiras (início do século XX à década de 1980). Caminhos de Geografia, [S.L.], v. 19, n. 65, p. 29-42, 23 jul. 2018. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
<http://dx.doi.org/10.14393/rcg196503>. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/36739>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

[5] ANEXOS

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um termo de consentimento para participação voluntária em pesquisa científica, realizado como parte da metodologia do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Arquitetura e Urbanismo, conduzido por Luana de Oliveira Assis, graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- Campus Barreiras. Orientado pela Prof.^a Jessica Mayana Pereira Silva, do curso de Arquitetura e Urbanismo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- Campus Barreiras. Coorientado por Áurea Gabriela Moura Gumes, arquiteta e urbanista.

O objetivo do trabalho é demonstrar como as imagens e imaginários, as vivências e os discursos produzem organizações espaciais, de forma a delimitar fronteiras e territórios na escala do bairro Morada da Lua entre os anos 1978 a 2019. A participação dos voluntários desempenha um papel crucial ao auxiliar a pesquisadora na obtenção de uma compreensão, mais abrangente, do imaginário social associado ao referido bairro, através das distintas perspectivas acerca do objeto de estudo.

A participação nesta pesquisa ocorrerá por meio de um ou mais encontros entre a pesquisadora e o(a) voluntário(a), de acordo com a necessidade, em local e horário previamente estabelecidos. Durante esses encontros, a pesquisadora fará perguntas com o objetivo de coletar informações sobre as vivências e percepções relacionadas ao bairro Morada da Lua, situado em Barreiras-Ba.

As informações serão registradas por meio de dispositivo móvel, com o propósito de garantir a precisão e a efetividade na rememoração ao longo do desenvolvimento da pesquisa, possibilitando quando necessário, a transcrição de trechos pertinentes das falas, preservando a fidelidade do que foi dito pelo(a) voluntário(a). O nome do(a) voluntário(a) será divulgado, bem como as informações coletadas que serão utilizadas, exclusivamente, para os fins da

pesquisa. Além disso, o trabalho poderá ser divulgado por meio de publicações, submissões em anais de eventos acadêmicos, citações em relatórios, artigos e/ou outras formas de divulgação científica.

Consentimento do(a) participante

Declaro, para os devidos fins, que fui devidamente informado(a) de que minha participação nesta pesquisa é voluntária, podendo optar a qualquer momento, por não participar, sem que isso implique prejuízos de qualquer natureza.

Autorizo, além disso, a divulgação das informações coletadas, bem como a utilização do meu nome para fins de registro e identificação, conforme os objetivos da pesquisa.

Declaro, por fim, que recebi uma via deste documento, contendo todas as páginas rubricadas e com os campos devidamente assinados por mim e pela pesquisadora.

Assinatura do(a) participante:

Barreiras, ____ de _____ de _____.

Declaração da pesquisadora

Certificado que obtive, de forma clara e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do(a) voluntário(a) para participação nesta pesquisa. Comprometo-me, ainda, a cumprir todos os termos aqui estabelecidos.

Assinatura da pesquisadora:

Barreiras, ____ de _____ de _____.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO
INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA DA BAHIA -
IFBA CAMPUS BARREIRAS

